

A AMIZADE CAXIAS – OSÓRIO E A SUA PROJEÇÃO POLITICA



Veterano Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento (x)



Reprodução de trechos de correspondência trocada entre os dois chefes e líderes militares e referência a passagens de suas vidas testemunham as relações de amizade e respeito que os uniam

LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen Renê sob orientação do autor.

Quando o Imperador visitou o Rio Grande, Caxias encarregou Osório de fazer-lhe a segurança, e a de sua comitiva, de Cachoeira a São Gabriel, com a seguinte recomendação:

“Cuidado Tenente-Coronel Osório! O Imperador é jovem. Só tem 20 anos e há de querer correr.”

Osório veio a ser, em 1846, o grande cabo eleitoral de Caxias, eleito senador vitalício pelo Rio Grande do Sul, com escolha confirmada pelo Imperador.

Caxias, senador pelo Partido Conservador, e Osório, deputado provincial pelo Partido Liberal, foram pioneiros do ideal de fazer a política do Exército e não a política no Exército. E isso praticaram até o final de seus dias, como se verá.

Na guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852), o Tenente-Coronel Osório se tornou assessor imprescindível de Caxias no trato com chefes militares platinos aliados, como, por exemplo, o General Urquiza. Caxias designou Osório, com seu regimento, para integrar a Divisão Brasileira que lutou em Monte Caseros, do que resultou a derrota de D. Manoel Rosas. Ao embarcar para o Rio, Caxias deixou o seguinte recado a um terceiro:

Transmita este abraço ao nosso Osório. Ele é o maior guasca (bravo, destemido, valente) da Província do Rio Grande e o que mais louros colheu na Batalha de Monte Caseros.

Osório, em função de sua atuação política, foi por duas vezes caluniado, sob a acusação de querer separar o Rio Grande do Brasil e juntar-se a países platinos. Caxias, como chefe do Governo, o defendeu junto ao Imperador e demais ministros, classificando a acusação como ***“um exemplo das teias caluniosas da época.”***

Uma nova investida resultou na transferência do Brigadeiro Osório para a Corte, sem função. Caxias intervém e consegue que o Imperador use o Poder Moderador para anular a transferência e conservar Osório no comando da fronteira do Jaguarão. Osório, indignado, confidenciou ao amigo e protetor:

“Enquanto dura o perigo não sofro a acusação de separatista. Acaba-se a guerra e logo começam os meus grandes inimigos a apregoar que sou anarquista e insubordinado...”

Na Guerra do Paraguai, Caxias foi convidado para assumir o comando-chefe. Mas teve de recusar, por não lhe ser dada a presidência do Rio Grande, à qual se subordinava a Guarda Nacional, e por ser Ministro da Guerra. o Visconde de Sinumbu, o único inimigo que Caxias disse ter tido no Exército e que nunca o havia querido como subordinado. Não aceitaria subordinar-se a um inimigo numa missão de tamanha responsabilidade (Sinumbu fora o derrotado, em 1835, pelos farrapos na Azenha). Entretanto, Caxias aplicou-se, nos bastidores, para que Osório fosse nomeado comandante-chefe, o que ocorreu.

Depois de sua vitória em Tuiuti, Osório retirou-se do Teatro de Guerra por doença.

Com o desastre de Curupaiti, sob o comando do General Polidoro Quintanilha Fonseca Jordão, Caxias, novamente convidado, aceitou, sob condições que o Partido Liberal aceitou e honrou. Convidou Osório a retornar à frente do 3^o Corpo de Exército a mobilizar no Rio Grande do Sul, animando-o com estas palavras:

“Fale a estes guascas naquela linguagem que nós dois sabemos.”

E foi formada uma dupla integrada pelo maior líder de batalha, Caxias, e de Osório, o maior líder de combate do Brasil, até hoje não superado, e que escreveu as mais belas páginas da história operacional do Exército Brasileiro.

Finda a guerra, a politicagem tratou de criar desconfianças e abalar a amizade entre Caxias e Osório - o primeiro, uma legenda guerreira do Partido Conservador e, a segundo, uma legenda guerreira do Partido Liberal. E passou a explorar inverdades do desempenho de Osório no ataque a Humaitá, com a retirada não ordenada por Caxias, e o atraso de Osório no desbordamento da ponte de Itororó.

Caxias, em célebre discurso (15 de julho de 1870), no Senado, desfez por completo a intriga política, exaltando a figura do amigo ao qual sempre dera carta branca. Mas, novas investidas colheriam os dois heróis muito doentes e abalados com a perda das

esposas e por ingratidões. Um senador que sempre atacava Caxias, Silveira da Mota, leu em plenário carta de Osório em que este dava a entender que contestava Caxias. Isso provocou enorme mágoa em Caxias e um abalo na amizade entre ambos, pois Caxias esperava que, se qualquer dúvida existisse, o amigo a ele se dirigisse para esclarecer.

Em 1877, quando Osório, eleito senador pelo Rio Grande, assumia o posto, Caxias que sentava próximo, na bancada gaúcha, não foi ao seu encontro para abraçá-lo. Limitou-se a cumprimentar com um gesto de cabeça a distância, como que esperando a iniciativa de Osório, igual à que este em 1847, fizera com seu pai senador, indo ao seu encontro quando foi empossado, abraçando-o de modo comovido.

A politicagem explorou o incidente exaustivamente. Em reunião do Senado, sendo chefe do Governo e Ministro da Guerra, Caxias foi interrogado de modo insistente, impertinente, indiscreto e impiedoso pelo não cumprimento ao Senador Osório.

Caxias monossilabicamente respondeu a todas as indagações, até que falou mais ou menos assim:

“Não fui abraçá-lo, pois a ele caberia antes, como oficial do Exército, ao chegar do sul, ter ido ao Ministério da Guerra cumprimentar-me, por ser eu mais velho, mais graduado e ter sido sempre o seu chefe.”

A posição de Caxias foi firme. Não transigiu com as vigas-mestras do seu Exército - a Hierarquia e a Disciplina.

O incidente abalou externamente uma amizade íntima e de confidentes, como o prova o intenso intercâmbio epistolar entre ambos, mas não a admiração e o respeito íntimo que ambos se tributavam. Assim, em sessão do Senado, de 5 de outubro de 1877, o Senador Osório faz uma proposição à qual Caxias, senador, chefe do Governo e Ministro da Guerra, apóia em aparte que solicitou:

“Sr. Presidente o que propõe o nobre senador Osório me parece conveniente. Com os recursos que existem na Província do Rio Grande do Sul e no local em que estão situados os campos do Governo, deixam eles de prestar bons serviços às necessidades militares da fronteira. A idéia do nobre Senador Osório de colocar campos de pastagens próximos dos quartéis de fronteira é de suma vantagem e, por isso, não me oponho a que se conceda autorização.”

Em suma era vender campos distantes dos quartéis, no interior do Rio Grande, para comprá-los juntos aos mesmos.

Osório substituiu Caxias no Ministério da Guerra e, em aparte, um senador insinuou que Osório estava fazendo críticas ao seu antecessor.

Osório, com veemência e categórico, respondeu em alto e bom som:

“Declaro ao Senado que repilo a insinuação. Se esse general, por cuja saúde faço votos na sua doença, esqueceu por um momento os abraços do amigo dedicado no perigo, não atribulo seu gesto à sua vontade, nem a uma possível ingratidão. Qualquer um de nós pode sofrer uma grave enfermidade. Eu nunca soube na vida senão respeitá-lo)”

Esse final é que faltava na história do incidente do cruel questionário a que Caxias foi submetido no Senado por Zacharias de Góes.

Osório faleceria primeiro que Caxias, no final de 1879, e Caxias, cerca de meio ano depois, em 8 de maio de 1880, no município de Valença-RJ, junto à filha mais velha. Deixaram, ambos, o Exército na orfandade por serem seus defensores no Senado, tarefa que exerceram nos últimos trinta anos.

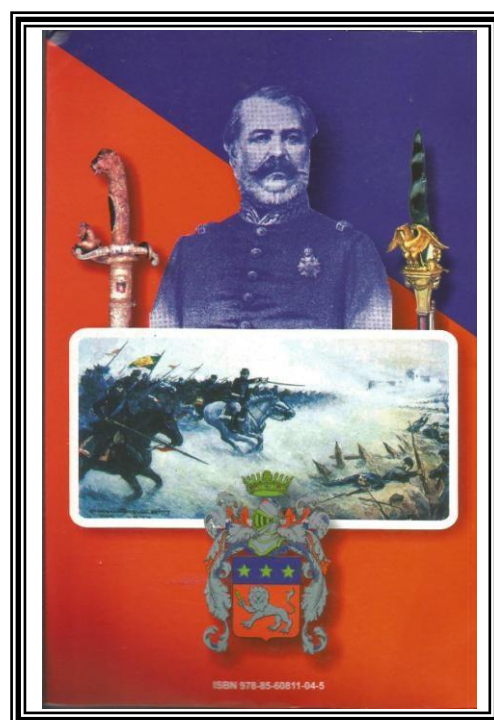
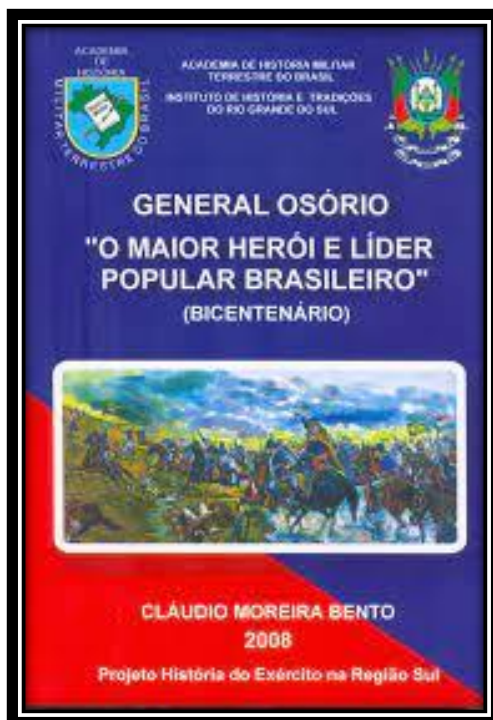
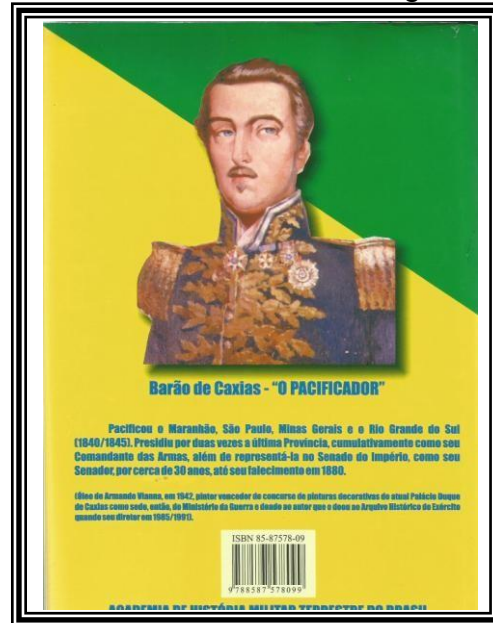
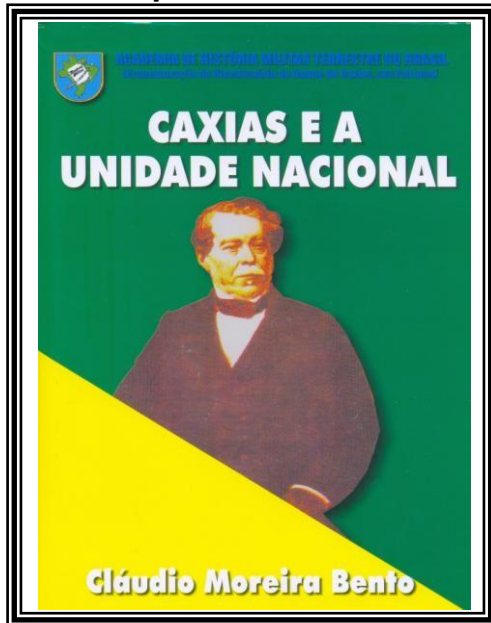
Para compensar suas ausências, militares do Exército e da Marinha, na Igreja Santa Cruz dos Militares, em 1881, organizaram o **Diretório Militar** para lutar pela eleição de militares dos partidos Conservador, Liberal e Republicano para o Parlamento. Não conseguiram eleger nenhum representante. Foram **cristianizados**. E continuaram órfãos de representatividade no Parlamento. Foi nesse **Diretório** que emergiu a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca, oito anos antes da proclamação da

República. E, dentro de um mesmo movimento iniciado no **Diretório Militar**, ocorreram a **Questão Militar**, liderada por Deodoro, como presidente do Rio Grande do Sul, e a fundação do Clube Militar. Ainda sob a liderança de Deodoro, ocorreu o protesto acolhido pelo Clube Militar, para que o Exército não fosse usado como capitão de mato na perseguição de escravos fugidos, o que equivaleu à Abolição de fato, antecessora da Abolição de direito, em 13 de maio de 1888, e a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, seguida de sua sangrenta consolidação (1891-1895).

“Quem não conhece a História corre o risco de repeti-la.”

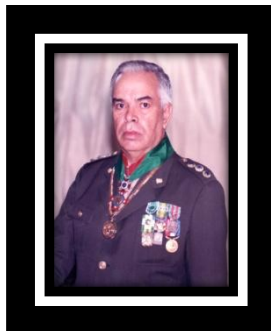
Aqui, na celebração da amizade Caxias-Osório, tão benéfica para o Brasil, e para o Exército em particular, que cada um colha a lição que:

“A História que como mestra da vida e mestra das mestras”, sugere.



1ª e 2ª capas de biografias de nossa autoria de Caxias e Osorio, enriquecidas com farta ilustração. Na 1ª capa de Osório pintura da Batalha de Avaí do acadêmico emérito Cel Pedro Paulo Estigarribia e na 4ª capa Osório na Batalha de Monte Caseros, pintura do Patrono de Cadeira Alcebiades Miranda Junior.

(X)CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM FEVEREIRO DE 2023



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista..Doutor Em Aplicações,Planejamento e Estudos Militares pela ECEME e Curso de Pesquisador de História do Exército pelo Estado-Maior do Exército em 1973. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 140 obras ate fev 2023 (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, do quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviario Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio da Sociedade Brasileira de Geografia dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba,Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembléias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG,ECEME,IME, EsAO,AMAN ,ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife,Rio De Janeiro,.Porto Alegre e no NPOR de Pelotas ,e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre,Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra Os 78 anos da **Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completara 91 anos de idade .Se Deus quiser!.Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170.Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757